

Alice Gabriel
Universidade de Brasília

Ecofeminismo e ecologias *queer*: uma apresentação

Copyright © 2011 by Revista
Estudos Feministas.

No primeiro semestre de 2009, na disciplina *Feminismos e Teoria Queer*, oferecida pelo Núcleo de Estudos em Diversidade Sexual e Gênero (NEDIG/UNB), conheci muitas pessoas interessantes. Eu fazia parte de um grupo de quatro professoras que ministraram a matéria junto com meu, então, orientador, o professor Hilan Bensusan. Uma dessas pessoas interessantes era Sandra Michelli da Costa Gomes. Tendo outra formação acadêmica (ela é formada em Ciências Biológicas e eu era mestranda em Filosofia), ela possuía *insights* bastante diferentes a respeito das questões debatidas no curso. Michelli cursava a disciplina como ouvinte, pois começava a se interessar por uma perspectiva teórica que se assentava no interstício entre as Ciências Humanas e Biológicas: ela estava preocupada em fazer algo próximo a uma teoria da ecologia, acompanhada de autoras desconhecidas para mim e que reivindicavam uma aproximação feminista e *queer* ao ambientalismo. Foi Michelli que me apresentou os artigos que se seguem a esta apresentação. E um toque dela está presente neste texto, que carinhosamente revisou.

Os artigos aqui reunidos são apenas uma pequena amostra do que tem sido produzido academicamente a respeito das Ecologias *Queer* – uma análise social, política e cultural que interroga as relações entre a organização social da sexualidade e a ecologia, uma discussão bastante alinhada ao ecofeminismo e à justiça ambiental. Alguns deles têm quase duas décadas e permanecem amplamente desconhecidos no Brasil. Os artigos de Greta Gaard e de Catriona Sandilands propõem uma perspectiva ecofeminista e *queer*.¹ Os demais artigos aplicam o instrumental teórico das ecologias e ecofeminismos *queer* a suas áreas de atuação: Constance Russell, Tema Sarick e Jackie Kennely, em um artigo, e Anette Gough et al., em outro, estão propondo uma aborda-

¹ A noção de uma ecologia *queer* foi proposta, pela primeira vez, num número especial da revista canadense *UnderCurrents*, de maio 1994, intitulado *Queer Nature*. Você pode acessar os números da *UnderCurrents* no endereço eletrônico <http://www.yorku.ca/currents/>.

² O termo natureza aparece entre aspas simples ao logo do texto para nos lembrar que 'natureza' é mais um conceito do que uma coisa que exista no mundo. Várias das autoras que trabalhamos aqui querem justamente prestar atenção à maneira pela qual moldamos o que constitui o natural, de acordo com uma perspectiva política específica. Talvez a conexão com os argumentos do filósofo Timothy Morton (e sua proposta de uma ecologia sem natureza) seja inevitável e o próprio termo 'natureza' deva ser abandonado. Por causa da suspeita quanto ao termo, e na tentativa de torná-lo incômodo, coloco a natureza entre aspas simples.

³ *Cissexismo* é, como o heterossexismo, uma variação do termo sexismo. Se tomamos a definição de sexismo como "um sistema de crenças que funciona instaurando grupos sexuais e reforçando um esquema de hierarquia entre eles", facilmente podemos ver como heterossexismo e *cissexismo* nada mais são do que recortes que apontam para uma maior especificidade dessa definição. Porque rapidamente associamos os grupos sexuais descritos na definição de sexismo como apenas dois – homens e mulheres – precisamos dos afixos 'hetero' e 'cis' para entendermos que existem outros grupos sexuais possíveis. Heterossexismo coloca a questão de orientação sexual como uma variante que entra no jogo da distinção de grupos sexuais. Já o *cissexismo* coloca a questão da identidade de gênero. 'Cis' é a terminologia nascida no *cyber* ativismo de pessoas trans. Julia Serano (autora de *Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity* e que mantém o blog <http://juliaserano.livejournal.com>) o encontrou na rede internacional de computadores, na página de Emi Koyama (<http://www.eminism.org>). 'Trans' significa "através" ou "do lado oposto de", enquanto 'cis' significa "do mesmo lado de". Então, se alguém

gem das ecologias *queer* para a educação ambiental; e Keitaro Morita faz uma crítica literária ambientalista, ou ecocrítica. Por isso, essa rápida apresentação dos artigos se dividirá em dois momentos: no primeiro, destacarei os argumentos centrais de Gaard e Sandilands, de maneira a entendermos para que serve postular um ecofeminismo *queer*; no segundo momento, apresentarei rapidamente os demais textos que nos mostram o uso que pode ser feito desse instrumental teórico.

Por que ecofeminismo *queer*? O que está em jogo nessa adição do termo *queer* à agenda ecofeminista? Greta Gaard argumenta em seu texto que, uma vez que o ecofeminismo tem como uma de suas tarefas expandir sua capacidade de diagnóstico interseccional, de modo a pensar e atuar levando em consideração o cruzamento entre as diferentes opressões (como Carol Adams, por exemplo, que está pensando a conexão entre a opressão de mulheres humanas e a de fêmeas de outras espécies – como o especismo e o sexismo se articulam em nossos hábitos alimentares ou como se reforçam não apenas real, mas também metaforicamente), para tornar o ecofeminismo mais amplo, ele tem que ser *queer*. Isso ocorre porque boa parte do ecofeminismo de fato articula as conexões entre sexismo e *naturismo* (que é o termo usado por Gaard para falar da opressão da 'natureza'²), mas se esquece de colocar em questão o heterossexismo ou o *cissexismo*.³ Portanto, para Gaard, tornar o ecofeminismo *queer*⁴ é ampliá-lo; e seu argumento vai em direção de entendermos que essa ampliação é o resultado lógico de uma política ecofeminista radical.

Catriona Sandilands reforça essa posição: se o ecofeminismo nos faz pensar que a 'natureza' é organizada por nós (mas também se organiza!) por relações complexas de poder, o ecofeminismo *queer* nada mais faz do que adicionar a categoria sexualidade a estes eixos de poder. A sexualidade, enquanto eixo de poder, organiza a maneira como definimos o que vale como 'natureza', como entendemos e como nos relacionamos com aquilo que chamamos de natural. Talvez por ser uma noção baseada muito no feminismo da diferença sexual (do jeito que ele se constitui nos Estados Unidos), falta a uma parcela do ecofeminismo pensar a que serve propor a diferença sexual como base da política ou teoria feminista. Monique Wittig denunciava a proposição da diferença sexual como o pensamento hetero em funcionamento.⁵

A perspectiva ecofeminista *queer* diagnostica três questões pelas quais a relação entre sexualidade e 'natureza' molda nossa forma de entender, perceber e interagir com o natural. A primeira, e a mais óbvia, é a **naturalização da heterossexualidade**. Por causa de um imperativo sexual

teve um sexo atribuído no nascimento e passa a se identificar e vive como membro do outro sexo, essa pessoa é chamada "transexual" (porque ela cruzou de um sexo para outro), e se alguém vive e identifica-se com o sexo atribuído no nascimento, essa pessoa é chamada *cissexual*. Não se trata de instaurar mais um dualismo trans/cis, mas de identificar que o que muitas de nós entendem como normal ou natural é também um tipo de identificação de gênero. Para saber mais sobre cis/trans, veja a FAQ sobre *cissexual*, *cisgênero* e privilégio agregado a essa posição no mundo no blog de Julia Serano (<http://juliaserano.livejournal.com/14700.html>) ou a tradução que fiz dela e que está disponível no endereço eletrônico <http://parlerfemme.onira.org/2010/07/13/traducao-a-missaol/>.

⁴ Greta Gaard vai preferir usar o dualismo heterossexual/*queer* ao heterossexual/homossexual com base no termo '*queer*' ser mais amplo que 'homossexual'. Isso é questionável. No Brasil, por exemplo, o movimento LGBTTT reivindica que prestemos mais atenção nas especificidades de cada categoria (assim, o Plano LGBTTT propõe que pensemos como a lesbofobia, transfobia, travestifobia, bifobia articulam-se de maneiras diferentes, em vez de apenas usar o nome amplo homofobia); ao mesmo tempo, o feminismo reclama da noção de '*queer*' (do mesmo jeito que ativistas lésbicas reclamam do nome 'homossexual') porque esse nome universal para diversas orientações afetivo-sexuais e configurações identitárias acaba sendo identificado com o masculino.

⁵ Ver GABRIEL, 2009.

⁶ O 'x' em 'transgênerxs' quer abarcar de forma mais contundente uma não binarização da sexualidade, recusando o masculino bem como o feminino.

⁷ AREDA, 2008, fala sobre a "coragem de ser bicho" e a conexão entre abjeção e animalização no caso dos 'viados'.

⁸ Além disso, Gaard aponta outras

repro-centrado (ou seja, centrado na reprodução) ou por causa da erotofobia (medo do erótico, identificado por Greta Gaard na tradição ascética cristã), os saberes a respeito das práticas sexuais foram construídos de modo a considerar que uma orientação heterossexual é mais natural do que uma orientação homossexual. Porém, Catriona Sandilands e Greta Gaard nos explicam como, ao mesmo tempo, a homossexualidade é vista como antinatural (uma paixão desnaturada) e pessoas *queer* são animalizadas e vistas como mais próximas à 'natureza' (assim como as mulheres na crítica tradicional feminista estavam conectadas à 'natureza': opressão e animalização andando de mãos dadas). Falas sobre a natureza incontrolável dos gays ou lésbicas (que apostam fortemente num dualismo mente/corpo, no qual a mente falha em dominar o corpo), ou mesmo as palavras que usamos para falar de pessoas LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e 'transgênerxs'⁶) e que são nomes de bichos ou coisas naturais⁷ (veado, bicha, sapa, jacaré, ou os *faggots* citados por Greta Gaard) apontam nessa direção.⁸

A segunda é a **projeção de uma heterossexualidade à 'natureza'**, nas palavras de Sandilands: "a natureza é heterossexualizada", o que nada mais é do que um desdobramento do ponto anterior. No processo de naturalizar a heterossexualidade, é importante mostrar como a heterossexualidade está não apenas 'entre nós', mas também 'no mundo'. Assim, passamos a enxergar uma estrutura política e social (e sexual) específica de um momento histórico de uma parcela da população humana e generalizá-la para outras espécies. A sociobiologia é boa nisso, em fazer paralelos entre nossas organizações sociais e políticas e entre as organizações (sociais e políticas também!) de outros animais – o que poderia ser muito interessante se conseguisse ver além da reprodução do padrão hegemônico de comportamento humano. Ao contrário, a sociobiologia faz com que entendamos a nossa organização social como natural, no pior sentido possível: no sentido que opõe 'natureza' à política. Fechando esse parêntese a respeito da sociobiologia, a heterossexualização da 'natureza' nos faz não apenas atribuir a outros animais a mesma estrutura de heterossexualidade (que de acordo com Monique Wittig é um regime político) que encontramos entre nós, mas que a atribuamos a outros seres naturais: entendemos, por exemplo, a reprodução das plantas em termos de hetero, e mais, entendemos a relação entre certos animais e certos vegetais em termos de heterossexualidade (por exemplo, a relação entre abelhas e flores).

A última é a **atribuição de um modelo hetero para as relações entre humanas e 'natureza'**. Essa questão é bem próxima ao diagnóstico ecofeminista de que

contradições que caracterizam o jogo dominante de sexualidade-e-natureza: o fato de amores homoafetivos serem vistos como paixões desnaturadas parece apontar para uma valorização da natureza (oposto ao que é artificial ou urbano ou social), mas o contrário se dá. O ecofeminismo nos ensina que a natureza é, de fato, o que é desvalorizado e entendido como aquilo que deve ser dominado pela força da organização cultural humana (e as conexões entre populações subalternas e 'natureza' sempre se dão: animalizar pessoas negras, mulheres e *queers* é uma forma de reforçar seu papel subalterno). "Ao juntarmos estas duas perspectivas podemos perceber que, na verdade, essa tal 'natureza' que *queers* são instadas/os a cumprir não é outra coisa senão o paradigma dominante da heterossexualidade – uma identidade e uma prática que são em si mesmas construções culturais, como feministas e teóricas/os *queer* já nos mostraram" (GAARD, 2011, p. 7).

⁹ Audre Lorde em *Os usos do erótico* define o erótico como um poder esquecido em nós mesmas – é o esquecimento do erótico que permite a perpetuação da diferença entre corpo e mente e que nos isola do que é natural. "A dicotomia entre o espiritual e o político é igualmente falsa, resultante de uma atenção displicente de nosso conhecimento erótico. Porque a ponte que os conecta é formada pelo erótico." Contraposto ao erótico, como força de conexão entre duas ou mais pessoas e entre nós e o mundo, está o pornográfico que coloniza nossos desejos e instaura uma noção de sexualidade como controle e isolamento. Essa noção do erótico de Audre Lorde pode ser interessante para pensarmos a diferença entre uma relação de naturismo e uma proposta de relação *queer* com a 'natureza'.

¹⁰ Caberia aqui um trocadilho entre o termo português "estreito" e o termo inglês "*straight*" (hetero)?

¹¹ Ao longo do texto, preferi brincar

existem ecos entre as relações natureza/cultura e mulheres/homens: pensamos as relações entre humanos e natureza dentro de uma 'erótica' hetero – a 'natureza' como a mulher passiva na qual a atividade humana pode ser exercida. Porém, o que a perspectiva *queer* adiciona é que não é um eco entre natureza/cultura e mulheres/homens apenas, é uma projeção de um certo tipo de relação entre homens e mulheres: a heterossexualidade (entendida de uma maneira tradicional e opressiva). Coloco o termo 'erótica' entre aspas na frase anterior por causa da definição de 'erotofobia' que Gaard vai defender. A 'erótica' seria uma erótica pobre, a única autorizada num modelo asceta e *repro-centrado*. Ver o mundo de acordo com essa 'erótica' (que Audre Lorde⁹ poderia chamar de 'pornográfica') é ver uma parcela muito 'estreita'¹⁰ do todo: uma visão/imaginação pobre e colonizadora das relações de humanas entre si e com a 'natureza'.

O artigo de Costance Russell, Tema Sarick e Jackie Kennely, "Tornando *queer* a educação ambiental", quer propor uma pedagogia *queer*, na qual a heteronormatividade e a ideia de que as identidades sexuais são fixas sejam problematizadas, assim como questionar, como sugere Catriona Sandilands, a heterossexualização das teorias e práticas. A noção de normalidade tem de ser questionada numa educação centrada na diversidade sexual, porque é em cima dela, e em cima de uma equiparação estranha entre normal e natural (que poderiam estar facilmente opostos, como cultura/natureza, lembrando que normas estão do lado do que é cultural, social), que o heterossexismo é perpetuado. A proposta dessas autoras é de quebrar com a reprodução das três questões mencionadas acima no processo pedagógico e desafiar as imagens tradicionais de ser homem, ser mulher, heterossexualidade, 'natureza', relações humanas-animais e humanas-natureza; citando algumas experiências, elas tentam mostrar como pode ser possível uma educação ambiental *queer*.

O quarto artigo, "Contos de Camp Wilde: tornando *queer* a pesquisa em educação ambiental", de Annette Gough et al., é um exercício heterotópico de criar um outro espaço onde as relações entre humanas¹¹ e 'natureza' sejam *queer*. A ideia do texto é convidar pessoas diferentes para imaginarem Camp Wilde, procurando fazer uma performance de como tornar *queer* a pesquisa em educação ambiental. O nome do lugar é inspirado em Oscar Wilde, não só por sua escrita desafiadora e zombeteira, mas por ser visto como uma fonte importante para questionar a heteronormatividade (que aplicada à pesquisa ambiental gera inúmeros pontos cegos) e a heterossexualização da 'natureza'. Conforme enfatizam,

Aqui em Camp Wilde, queremos tornar *queer* os significados 'normais' da pesquisa em educação

com o feminino genérico, e inverter a norma de marcar o plural no masculino vigente na língua portuguesa.

ambiental, tais como a natureza como um objeto de conhecimento, ecologia, relações entre corpo e paisagem e as relações entre corpos de conhecimento, professoras/es e aprendizes. Também queremos tornar *queer* os significantes da pesquisa em educação ambiental, incluindo as linguagens e representações com as quais/nas quais falamos e escrevemos sobre educação ambiental, trazendo-a à existência.

Os contos e narrativas vão desde a descrição de uma corte simulada, onde o réu é o presidente do *Institute for Earth Education*, até a análise de quadros de Aubrey Beardsley, e aparecem como uma maneira bastante diferente de colocar as questões, tornando *queer* o formato de artigo acadêmico.

¹² O texto de Keitaro Morita foi escrito especialmente para ser publicado no Brasil. Seria um dossiê *ecoqueer* na revista do Nedig que nunca saiu do papel. Nós o convidamos depois de ler um pequeno artigo sobre Hiromi Ito. Ele preferiu expandir aquele artigo e nos mandou um texto original.

No último texto, "Ecopoeta queer? Uma análise de 'Chitô [Tito]', da poeta japonesa Hiromi Ito", Keitaro Morita,¹² ao analisar o poema, mostra de um jeito interessante a relação entre corpo (como natureza interna) e natureza externa, citando Kazue Morisaki: "porque a natureza tem desaparecido e, portanto, ela [Ito] não pode encontrar a natureza em outro lugar que não seu corpo".

Seu texto então emula a conexão metafórica entre corpo feminino e 'natureza'. Segundo Keitaro Morita, ele coloca em questão a dicotomia hetero/homo e por isso apareceria como um texto *queer* – o texto é marcado por metáforas de nomadismo, viagens e fluidez identitária. A análise de Morita ecoa a afirmação de Debora Bitzman, citada no texto de Camp Wilde, de que a teoria *queer* não necessariamente precisa ser feita de um ponto de partida *queer*, ou seja, não se precisa ser lésbica, transexual, travesti, gay, bissexual ou pertencente a qualquer outra categoria sexual minoritária em termos de poder para fazer teoria/escrita/poesia *queer*. *Queer* seria colocar em questão a fixidez dessas identidades.

Eu tenho alguns problemas com essa noção e vou articular rapidamente o porquê. Em primeiro lugar, mesmo que parte da força do discurso *queer* seja questionar a distinção hetero/homo, isso não é e não pode ser tudo. Por que não? Porque exclusão não se dá apenas ao postularmos a diferença, mas se dá também quando não nos atentamos a uma diferença em particular. Podemos aprender com uma das mães da teoria *queer*, Judith Butler, que uma face perniciososa da exclusão é a invisibilização. Quando Butler, no seu livro *ovulal*,¹³ *Problemas de gênero*, ataca a política de identidade, ela está falando também sobre isso, sobre a falta de atenção para as diferenças entre as 'mulheres' em nome de uma *sororidade*¹⁴ universal. Ou seja, ao focarmos em uma diferença que importa – nesse caso homens/mulheres – relegamos outras diferenças 'não importantes'

¹³ Uso o termo *ovulal* para brincar com o bastante utilizado (e falocêntrico) 'seminal'.

¹⁴ Sororidade é um termo usado bastante entre feministas. Poderíamos dizer que é uma tradução do inglês *sorority*, no entanto, é um termo bastante latino. *Soror* é irmã, assim como *frater* é a partícula que significa irmão na palavra fraternidade. Sororidade nada mais é que a irmandade entre mulheres.

ao esquecimento – mulheres brancas/mulheres negras, mulheres hetero/mulheres lésbicas etc. Se a dissolução de hetero/queer servir para reivindicarmos uma categoria problemática de 'humanidade universal', completamente cega para especificidades, então não acho que essa dissolução seja interessante (do ponto de vista *queer*). Se a ideia de dissolução das identidades tem, por um outro lado, uma vontade de pensar realmente a pluralidade e a especificidade, aí sim podemos ter uma posição interessante. O problema é que essas duas posições se sobrepõem em alguns aspectos.

Em segundo lugar, a noção defendida por Donna Haraway, em "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio das perspectivas parciais", não pode ser jogada fora tão rapidamente. E para me ajudar nesse argumento, podemos chamar a própria Catriona Sandilands que defende, em "Paixões desnaturadas...", que uma vivência específica como a de Zita Grover, numa comunidade *gay* norte-americana arrasada pela AIDS, deu abertura para que outra forma de encarar a 'natureza' e o ambientalismo pudesse surgir.¹⁵ Isso não quer, automaticamente, dizer que uma pessoa hetero não possa se preocupar ou fazer teoria *queer*. Estou eu aqui, mulher heterossexual, bastante engajada com uma discussão de diversidade afetivo-sexual (o que posso fazer, baseada não numa identificação forte, mas numa coalizção com questões LGBTTT), mas isso significa que eu o faço sempre 'inspirada por' e 'de uma perspectiva marcada por' minhas vivências, contatos, amizades e leituras.

Essa questão poderia ser um texto à parte, mas a tarefa aqui é apresentar os textos e acredito que já me alonguei demais nela – mesmo não tendo entrado nos detalhes fascinantes dos textos. Aprecie os artigos e julgue por você mesma; espero que esse pequeno gole dessa nova perspectiva teórica seja interessante, desafiador e estimulante, tanto intelectual quanto politicamente. Outras traduções de artigos no campo das ecologias *queer* podem ser acessadas em: <http://transecoqueer.wordpress.com/category/traducoes/>.

Referências bibliográficas

- AREDA, Felipe. "Serás hetero ou não serás!": *Abjeção, violência e purificação*. 2008. Monografia (Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2008.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990. [Edição Brasileira:

¹⁵ No Brasil, podemos nos lembrar das conexões que Hebert Daniel, ativista ambiental e LGBTTT, e primeiro candidato a presidente da República pelo PV, fazia entre "a AIDS e outros desmatamentos".

- Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003].
- GAARD, Greta. "Rumo ao ecofeminismo queer". *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 197-223, 2011. [neste número].
- GABRIEL, Alice. *A casa da diferença: feminismo e diferença sexual na filosofia de Luce Irigaray*. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, 2009.
- GOUGH, Annete et al. "Contos de Camp Wilde: tornando queer a pesquisa em Educação Ambiental". *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 239-263, 2011. [neste número].
- HARAWAY, Donna. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio das perspectivas parciais." *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.
- LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Freedom: Crossing Press, 1984.
- MORITA, Keitaro. "Ecopoeta queer? Uma análise de 'Chitô [Tito]' da poeta japonesa Hiromi Ito". *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 265-282, 2011. [neste número].
- RUSSELL, Constance; SARICK, Tema; KENNELLY, Jackie. "Tornando queer a educação ambiental". *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 225-238, 2011. [neste número].
- SANDILANDS, Catriona. "Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer". *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 175-195, 2011. [neste número].
- WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1992.